O Projeto de Ventura Terra para o Primeiro Liceu Feminino Português

Amaro Carvalho Da Silva
Fátima Abraços

O Projeto de Ventura Terra
para
o Primeiro Liceu Feminino Português

Catálogo dos Cianótipos

Amaro Carvalho da Silva
Fátima Abraços

AMARO CARVALHO DA SILVA
Investigador do Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, doutorando, na área de História e Cultura das Religiões, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e professor de Filosofia da Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho.

FÁTIMA ABRAÇOS
Doutorada em História da Arte pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Investigadora do Instituto de História da Arte da Universidade NOVA de Lisboa. Professora de História da Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho.

JOÃO SOARES SANTOS
Estudou escultura, exerce a actividade de professor e de investigador independente. Participou em exposições de pintura e escultura, é autor de mais de uma centena de programas radiofónicos (RDP/Antena 2), publicou um livro (Fundação Oriente, 2000) e mais de uma centena de ensaios sobre temáticas antropológicas e estéticas.

ÍNDICE:

APRESENTAÇÃO

A Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho (ESMAVC), herdeira da Escola Maria Pia (1885-1906) e do primeiro liceu feminino português, criado em 1906, possui e guarda um Património Histórico e Pedagógico que necessita de ser salvaguardado, estudado e divulgado. Para cumprir esse desígnio a ESMAVC tem desenvolvido um projeto designado Projeto Património ao longo dos últimos anos que tem cumprido o seu plano e aqui estão alguns dos seus resultados.

Assumindo a sua História, aspiramos a ser uma escola de referência, no sentido da promoção da qualidade e da excelência. Uma escola com respostas às exigências dos tempos, com a transmissão de uma formação profundamente humanista, democrática e inclusiva.

Assim, não podemos deixar que sejam esquecidos a arquitetura, o espólio e as memórias da nossa escola, que urge preservar.

Compete-nos preservar a primeira edificação que foi destinada ao primeiro liceu feminino Português.

A presente publicação pretende não só dar a conhecer uma pequena parte do Património Histórico e Pedagógico à guarda da ESMAVC como também sensibilizar a comunidade escolar para a necessidade de se proceder ao restauro e melhor acondicionamento do seu Património.

A Diretora da Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho
Maria de Fátima Costa Gomes Fonseca Reis Lopes

O conceito de biblioteca escolar sofreu, nos últimos trinta anos, muitas transformações e a sua missão e papel estão hoje devidamente enquadrados por manifestos e declarações das associações internacionais de que Portugal faz parte. Numa instituição centenária como aquela de que a Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho é herdeira, a biblioteca acompanhou naturalmente os tempos e as mudanças, e, de depósito passivo do acervo documental e local de consulta e estudo, quando não de castigo, passou a convergir com o entendimento de «um espaço de aprendizagem físico e digital na escola onde a leitura, pesquisa, investigação, pensamento, imaginação e criatividade são fundamentais para o percurso dos alunos da informação ao conhecimento e para o seu crescimento pessoal, social e cultural» (Diretrizes da IFLA para a biblioteca escolar, 2015). Paralelamente, teve sempre a preocupação de preservar a memória e os documentos relevantes que contam a história da escola. Foi para corresponder a esta preocupação que surgiu o "Projeto Património", cujos responsáveis se dedicam, em primeiro lugar, ao inventário dos diferentes núcleos documentais que têm sido descobertos na Biblioteca e Arquivo Histórico desta instituição. Refira-se, ainda em reforço desta iniciativa, que, ao longo do século XX, foi publicada legislação destacando e afirmando o papel da inventariação como um novo instrumento de investigação e gestão, pilar obrigatório para uma estratégia de salvaguarda e valorização do património. Ao inventariar os bens, os docentes que coordenam o "Projeto Património" não só os deram a conhecer, mas também propuseram medidas de salvaguarda para os diferentes núcleos.

Neste Catálogo agora disponível, os autores divulgam um dos núcleos mais importantes do arquivo da Biblioteca: a coleção de plantas, alçados e cortes do edifício do Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho, atribuída ao ateliê de Miguel Ventura Terra.

Considero muito relevante a publicação deste trabalho e é minha expectativa e desejo que a sua divulgação sensibilize as autoridades competentes para a sua conservação e restauro.

Paulo Moura, professor bibliotecário da ESMAVC

1. Retrato do Arq.º Ventura Terra, Óleo sobre Tela de Veloso Salgado, 1914 (130 x 108 cm).

PREFÁCIO

Na sequência da celebração do centésimo quinquagésimo aniversário de nascimento do Arquiteto Miguel Ventura Terra (1866-1919) aqui se divulga um núcleo inédito do seu espólio arquitetónico documental que se encontra no Arquivo Histórico da Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho (ESMAVC). Trata-se de um conjunto de 35 cianótipos que pensamos ser oriundo do seu ateliê.

Porque se trata de um dos arquitetos mais distintos que Portugal já teve, seguindo uma linha estética marcadamente moderna e cosmopolita, torna-se necessário juntar todos os contributos para a elaboração de um *Corpus* atualizado. De entre as várias iniciativas de celebração aquelas que se destinam a preservar, estudar e divulgar o seu espólio documental são das mais perduráveis e de maior alcance.

Sendo Ventura Terra um arquiteto com um pendor institucionalista muito acentuado é de todo o interesse, para uma comunidade de cidadãos que queremos ser, celebrar e divulgar uma obra que se preocupou com a organização e utilização do espaço público. Como republicano, *maçon* e imbuído do espírito das Luzes e na qualidade de vereador da Câmara Municipal de Lisboa (1908-1913), julgamos que o ideal de uma sociedade mais justa, fraterna e livre foi devidamente assumido num frenesim de obra pública que projetou e muitas concretizou, apesar de algumas não terem sido realizadas.

2. Arq.º Ventura Terra na varanda da sua casa à Rua Alexandre Herculano.
3. Arq.º Miguel Ventura Terra.

Pela qualidade e relevância da obra, Ventura Terra foi distinguido com o Prémio Valmor em 1903 (casa de Ventura Terra à Rua Alexandre Herculano - Lisboa), em 1906 (Casa da Viscondessa de Valmor - Lisboa), em 1909 (Palacete Mendonça - Lisboa), em 1911 (Casa de António Thomaz Quartim - Lisboa) e com uma Menção Honrosa em 1913 (Casa de Artur Prat - Lisboa).

Miguel Ventura Terra nasceu em Seixas - Caminha a 14 de julho de 1866, frequentou a Academia das Belas-Artes do Porto entre 1881 e 1886 e, neste mesmo ano, partiu para Paris onde frequentou a Escola de Belas-Artes e foi aluno de Victor Laloux (1850-1933), tendo estagiado no seu ateliê.[1]

«Em 1896, regressa definitivamente a Portugal trazendo na bagagem 26 menções honrosas, cinco medalhas obtidas durante o curso e a classificação de arquitecto de 1.ª classe obtida no concurso dos Arquitetos Diplomados pelo Governo francês que lhe tinha permitido, em 1895, entrar na Corporação dos Arquitectos de França.» [2]

A partir de 1895 realizou as mais diferentes obras, contando com inúmeras encomendas oficiais.

4. A casa de habitação do Arq.º Ventura Terra em Seixas - Caminha.

Tendo em conta a importância da obra deste arquiteto, no ano de 2010, no âmbito do Projeto Património que desenvolvemos na escola, demos início à candidatura do edifício da ESMAVC a Património de Interesse Público, mas só em 2015 a Direção da escola manifestou interesse pela apresentação do processo de candidatura à Direção Geral do Património Cultural para avaliação da sua proposta de classificação. O processo de candidatura foi entregue em 2015 e, no início de 2017, tivemos a visita de duas técnicas superiores da DGPC que avaliaram, respectivamente, o estado do edifício e o estado de conservação dos cianótipos. Ambas procederam à elaboração de relatórios que enviaram para despacho superior, cuja decisão desconhecemos.

Ocultar, desvirtuar ou desprezar a história das instituições é perder as raízes e o sentido da comunidade em que vivemos uma vez que as instituições foram criadas para a satisfação das principais necessidades dessa comunidade.

.

5 e 6. Arq.º Ventura Terra.

Referências e Notas Explicativas:

1 - *Arquitecto Ventura Terra (1866-1919)* – Catálogo / Exposição, (2009), p.27.
2 - Santana (1994), p.956-957

7. O Arq.º Ventura Terra (3º. da direita) num grupo com o Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Anselmo Braamcamp Freire (ao centro), durante uma pausa do Congresso Internacional de Turismo realizado em Lisboa em 1911 na Sociedade de Geografia de Lisboa.

8. Fachada principal do Liceu Maria Amália em 1933, aquando da sua inauguração.

BREVE ESBOÇO HISTÓRICO DA ESCOLA SECUNDÁRIA MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

A atual Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho é a herdeira da escola profissional Maria Pia, designada Escola Primária Superior Maria Pia (1884-1906), e também herdeira do primeiro liceu feminino português que foi criado em 1906.

A década de 80 do século XIX em Portugal é particularmente importante para a publicação de legislação relativa ao ensino técnico, caso do decreto de 3 de janeiro de 1884 de António Augusto de Aguiar. A aposta no ensino técnico era vista como condição de modernização do país pela criação de mão-de-obra qualificada para a indústria, tal como já acontecia por toda a Europa desenvolvida.

Pondo em funcionamento em 1883 a Escola Primária Superior Rodrigues Sampaio, uma escola profissionalizante para o sexo masculino, a Câmara Municipal de Lisboa prosseguiu com a sua tarefa educativa criando em 4 de setembro de 1884 a Escola Primária Superior Maria Pia, uma escola de ensino profissionalizante destinada às raparigas de fracos recursos e com idades acima dos 12 anos. No dia 10 de junho de 1885, dia de Camões, a Escola Primária Superior Maria Pia foi inaugurada e ficou instalada no 2.º piso do edifício da Escola Primária Central n.º 5, ao Largo do Contador-Mor / Rua das Damas, junto às muralhas do Castelo de S. Jorge, em Alfama, Lisboa.

Com um curso apenas de 3 anos, as alunas não ficavam suficientemente habilitadas para poderem prosseguir estudos. Por isso, procurou-se legalizar a situação criando os dispositivos necessários ao lançamento dos liceus femininos. Assim, em 7 de Julho de 1888 foi apresentada na Câmara dos Deputados um projeto de criação dos liceus femininos pelo deputado Júlio de Vilhena. Por Carta de Lei de 9 de Agosto desse ano, de José Luciano de Castro, foi aprovada legislação sobre os «institutos destinados exclusivamente ao ensino secundário do sexo feminino». Simultaneamente procedia-se a uma reformulação do curso da Escola Maria Pia, atendendo à inclinação unânime dos seus professores e à ausência de inscrições nos cursos profissionais, conforme refere o Diretor da Escola Maria Pia: «A escola tinha enfim a orientação que precisava ter. Preparava alunas para a matrícula na escola normal, ou directamente para a habilitação ao magistério primário, áureo sonho da maior parte das meninas que a frequentavam, e preparava para os exames do liceu.» [1]

Por conseguinte, a partir de 1888 desenvolveram-se iniciativas de criação do ensino liceal feminino com a reformulação do seu plano de estudos a ponto de se poder afirmar: «Ensinavam-se nela quase todas as disciplinas que constituíam o curso dos liceus, e a maioria do seu corpo docente pertencia até aos quadros oficiais da instrução secundária e superior.»[2]

Do final dos anos 80 até à criação do primeiro liceu feminino em 1906, a Escola Primária Superior Maria Pia continuou com uma existência muito complicada devido à agudização da instabilidade política, graves problemas financeiros do país, enquadramento legal e insuficientes instalações e equipamentos escolares.

9. Grupo de alunas do Liceu Maria Pia nas instalações da Escola Primária n.º 5 no Largo do Contador-Mor.

10. Edifício da Escola Primária Central nº 5 e Escola Maria Pia no Largo do Contador-Mor.

Por decreto de 31-01-1906, publicado em 23-02-1906 [3],cria-se, finalmente, o primeiro liceu feminino português – 70 anos após a criação dos liceus masculinos – a partir do plano de estudos, corpo docente, instalações e direção pedagógica da Escola Maria Pia.

Transformada a Escola Maria Pia em Liceu Maria Pia, o crescimento das suas matrículas foi exponencial, sobretudo a partir da Implantação da República em 1910, a ponto de se tornar impossível a sua existência nas precárias instalações da Escola Primária n.º 5 ao Largo do Contador-Mor. Assim, em 1911, o Liceu Maria Pia instala-se em edifício mais amplo e condigo, ao Largo do Carmo, no Palácio Valadares, onde até esse momento estivera o Liceu masculino Passos Manuel / Liceu do Carmo que se mudara para instalações novas.

Pouco anos depois tornavam-se insuficientes as instalações do Palácio Valadares pelo motivo já aludido de aumento das matrículas em período de crescente afirmação do ideal de educação liceal feminina. E para suprir essa grave falta a República lança, em 1913, as bases para a construção de um edifício para albergar o Primeiro Liceu Feminino. Assim, por um decreto de 15-07-1913, o Governo incumbiu o Arq.º Miguel Ventura Terra, vereador da Câmara Municipal de Lisboa, de fazer o projeto para o Primeiro Liceu Feminino.[4]

Enquanto republicano e *maçon*, Ventura Terra seguiu o espírito iluminista da escola francesa onde se formou e os ideais educativos mais proclamados pela nascente República. A República quis construir um edifício que seguisse as mais modernas e recentes normas pedagógicas e higiénico-sanitárias respeitantes às construções escolares. Os pormenores de piscina, amplo ginásio, Salão Nobre como uma das mais bonitas salas da cidade de Lisboa, Sala do Conselho, ampla Biblioteca, laboratórios das disciplinas experimentais e serviços administrativos bem estabelecidos são sinais de um pensamento organicista que pretendia dotar a República de edifícios emblemáticos. Mas o edifício só viria a ser ocupado em 1933.

Continuando no Palácio Valadares, em 1919 o Liceu Maria Pia altera a sua designação para Liceu Central de Almeida Garrett.

Com a Revolução Nacional de 28 de maio de 1926, instaurando-se uma Ditadura Militar e em seguida um regime político conhecido por Estado Novo, modificou-se por completo a situação do Primeiro Liceu Feminino quanto ao nome do patrono, ficando a designar-se Liceu Feminino Maria Amália Vaz de Carvalho [5], quanto ao corpo docente, que passa a ser todo feminino, e quanto ao plano de estudos.

11. Edifício do Palácio Valadares no Largo do Carmo onde esteve instalado o Liceu Maria Pia/Maria Amália entre 1911 e 1933.

12. Fachada principal do Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho em 1958.

O Estado Novo fez do Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho um dos seus principais centros de Educação Feminina pois aí se desenvolveram as mais diferentes atividades e iniciativas de afirmação desse regime político sob a perspetiva feminina: instalações e atividades da Mocidade Portuguesa Feminina (MPF), atividades e sessões da Obra das Mães pela Educação Nacional (OMEN), atividades da União Noelista, centro de puericultura, homenagens, sessões solenes, encontros, palestras, confraternizações e muitas outras atividades mais de cariz político que pedagógico.

Para além de um alcance intelectual, cultural e profissional, neste período a educação feminina estava fortemente padronizada e ritualizada e alicerçava-se numa visão naturalista que destinava a mulher às tarefas de gestão do lar e educação dos filhos. Nessa perspetiva tradicional estavam implicados os trabalhos escolares ligados à economia doméstica, trabalhos de costura e de agulha, arranjos florais, culinária, puericultura, pedagogia infantil e psicologia infantil. Para além de uma formação geral, parecia que a jovem estava perante uma formação profissionalizante, tal o peso da orientação da educação para a vida do lar e dos filhos.

Para este período histórico, denominado de Ditadura Nacional e Estado Novo, o Liceu Feminino Maria Amália Vaz de Carvalho mostra-se muito importante pela documentação que possui e pelo caso exemplar que foi no campo da educação feminina.

Com a Revolução dos Cravos em Abril de 1974 voltou a mudar o panorama da educação liceal ou secundária em Portugal passando todos os liceus a mistos, quer no que respeita a alunos quer ao corpo docente quer a funcionários, a denominarem-se escolas secundárias e a terem outro plano de estudos e de governação com a instauração da escola democrática. [6]

Neste período a Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho começou por desconstruir a ideia e os estereótipos da educação feminina liceal e a diversificar a sua oferta formativa ao abrir-se a outras realidades formativas: abertura dos cursos noturnos (1992) para a educação de adultos, cursos no Estabelecimento Prisional de Lisboa (1999-2000) que fica próximo da escola e abertura dos cursos profissionais de Técnico de Apoio à Gestão Desportiva e Técnico de Restauração. Pode dizer-se que, tal como no início da Escola Primária Superior Maria Pia, hoje a Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho também enveredou pela via profissionalizante que visa estabelecer uma relação muito estreita e imediata entre o mundo académico e a qualificação profissional para a entrada, após estágio, no mundo do trabalho.

Referências e Notas Explicativas:

1 – Cunha Belém - *Eschola Maria Pia*, 1900, p.11.

2 – Cunha, Abril 1916, p.228. Refira-se que o corpo docente da Escola Maria Pia constituía uma pequena elite docente. Muitos dos professores tinham trabalhos publicados, entre os quais se podem referir os Conselheiros Adriano Augusto de Pina Vidal e Carlos Augusto Morais de Almeida.

3 – *Diário do Governo*, n.º 43, 23-02-1906. Em 1914 foram criadas as secções femininas dos liceus do Porto (Sampaio Bruno – Carolina Michaëlis) e de Coimbra (D. Maria).

4 – *Diário do Governo*, n.º 164, 16-07-1913, p. 2642.

5 – Maria Amália Vaz de Carvalho (Lisboa, 01-02-1847 – Lisboa, 24-03-1921), enquanto escritora, dedicou-se a questões como a educação e papel da mulher na sociedade. Citando-se algumas obras: Mulheres e Creanças (Notas sobre Educação)-1880, Cartas a Luiza (Moral, Educação e Costumes)-1886, Alguns Homens do meu tempo (Impressões Litterarias)-1889, Chronicas de Valentina-1890, Cartas a uma Noiva-1891, A Arte de Viver na Sociedade-1895, Pelo Mundo Fóra-1896, Vida do Duque de Palmella - 3voll (1898-1901-1903), Figuras de Hoje e de Hontem-1902, As Nossas Filhas - Cartas às Mães-1904/1905, Impressões de História-1910/1911, etc. Juntamente com Carolina Michaëlis de Vasconcelos, em 1912, foi a primeira mulher a ingressar na Academia de Ciências de Lisboa.

Maria Amália Vaz de Carvalho foi casada com o poeta António Cândido Gonçalves Crespo (1846-1883) de quem teve três filhos (Luís, Maria Cristina e António Cândido). Gonçalves Crespo nasceu nas proximidades do Rio de Janeiro e veio para Portugal por volta dos 14 anos para prosseguir estudos e concluir uma formatura em Direito na Universidade de Coimbra.

A partir do casamento com Gonçalves Crespo a ligação de Maria Amália ao Brasil (Rio de Janeiro) foi muito intensa tendo colaborado durante mais de 30 anos nos periódicos Jornal do Commercio e O Paiz. Por outro lado, a casa de Maria Amália e Gonçalves Crespo, à Travessa de Santa Catarina em Lisboa, serviu de salão literário, tendo sido frequentada por muitos inteletuais portugueses e brasileiros (Ramalho Ortigão, Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós, Guerra Junqueiro, Graça Aranha, Júlia Lopes de Almeida, Eduardo Prado, Joaquim Nabuco, entre outros).

6 – O Decreto-Lei 80/78, de 17 de Abril, no seu artigo 1.º, passou a escolas secundárias todos os liceus e escolas técnicas, mas só a Portaria 603/79 veio a fixar a designação das escolas secundárias.

13. Fachada principal do edifício da atual Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho.

TRAÇOS HISTÓRICO-ARQUITETÓNICOS DO EDIFÍCIO DA ESCOLA SECUNDÁRIA MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Tendo sido Ventura Terra um dos mais distintos arquitetos portugueses é legítimo que se evidencie o edifício da atual Escola Secundária Maria Amália como uma das suas obras mais representativas no domínio da educação feminina. Não conhecemos outro edifício orientado para a educação da mulher que pudesse servir de contraponto, não só no plano arquitetónico como no plano do conceito de educação feminina. Só o poderemos comparar com o projetado e realizado para os liceus Camões e Pedro Nunes, em Lisboa, ou escolas primárias de Salvaterra de Magos e de Pardielas em Ferreira do Zêzere.

Como *maçon* e republicano Ventura Terra quis dotar a Pátria Republicana de edifícios emblemáticos para as instituições emergentes, e por isso consideramos que tenha pensado num primeiro edifício para o primeiro liceu feminino, em 1913, no tempo conturbado de afirmação da República, como uma obra exemplar de uma das ideias mais caras à República e que consistia na dignificação e emancipação da mulher através da educação.

14. Vista do Parque Eduardo VII com o edifício do Liceu Maria Amália (entre 1933 e 1939).

Por um Decreto de 15-07-1913 [1] o Governo incumbiu uma comissão, de que fazia parte o Arq.º Ventura Terra, de escolher o local para a construção do liceu feminino. Escolhido o local, comprado o terreno à Câmara Municipal de Lisboa e encomendado o projeto ao Arq.º Ventura Terra as obras iniciaram-se em 1915.

Com a Primeira Grande Guerra, os problemas de instabilidade política ligados à afirmação da República, o aparecimento do sidonismo e o falecimento do Arq.º Ventura Terra em 30 de abril de 1919, as obras de levantamento do liceu foram afetadas por muitos contratempos. Assim, as obras decorreram bem em 1915; continuaram com intermitências até ao seu embargo por falta de verba em 1921; em junho de 1930 foram retomadas as obras após a Junta Administrativa do Empréstimo para o Ensino Secundário, presidida pelo Dr. Eusébio Tamagnini, ter dado o seu parecer e depois de se ter escolhido o Arq.º António Couto para completar o projeto de Ventura Terra.[2]

Em 1930, com uma verba estabelecida, a regra seguida para as obras dos liceus portugueses foi: «trabalhos iniciados devem ser terminados». Os liceus Maria Amália, em Lisboa, e Rodrigues de Freitas e Alexandre Herculano, no Porto, estiveram sujeitos ao mesmo programa de conclusão de obras iniciadas .[3]

15. Tropas de Sidónio Pais acampadas nas fundações do Liceu Mª. Pia/Mª. Amália na atual Rua Rodrigo da Fonseca em Dezembro de 1917.

O novo edifício para o primeiro liceu feminino, designado Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho desde outubro de 1926,[4] foi inaugurado em 1933, ainda com obras por concluir e sem telhado e sem a Casa do Reitor. Esta urgência prendia-se com a necessidade de se albergar uma população estudantil feminina que já não cabia nas instalações do Palácio Valadares ao Largo do Carmo.

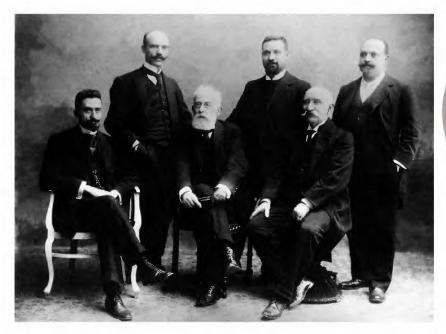
O recinto da escola ocupa um quarteirão com 12.650 m2. A área é limitada a nascente pela Rua Rodrigo da Fonseca, a poente pela Rua Artilharia Um, a norte pela Rua Sampaio e Pina e a sul pela Rua Marquês de Subserra. Está inserido na malha urbana das ruas adjacentes ao Parque Eduardo VII e está, atualmente, rodeado pelos hotéis Ritz e Le Meridien Park Atlantic.

Referências e Notas Explicativas:

1 – *Diário do Governo*, n.º 164, 16/7/1913, p. 2642.

2 – O Arq.º António Couto de Abreu (1874 - 1946) terminou a sua formação na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa no ano de 1899, colaborou com Ventura Terra no projeto do Palácio das Cortes, hoje Assembleia da República, e com Adães Bermudes no projeto do monumento ao Marquês de Pombal. Este arquiteto esteve ligado às obras de restauro da Sé de Lisboa e deu continuidade ao projeto de Ventura Terra para o edifício do Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho.

3 – Teresa Leitão de Barros, o. c., p.89 e *Anuário do Liceu de Maria Amália* [...] - *Ano Escolar de 1929-1930*, pp. 7-8.

4 – Art.º 133 do Decreto n.º 12.425 de 2 de outubro de 1926.

17. Arq.º Ventura Terra.

16. Primeira vereação inteiramente republicana da Câmara Municipal de Lisboa eleita no dia 1 de novembro de 1908. O presidente da Câmara, Anselmo Braamcamp Freire, está sentado ao centro e Ventura Terra é o primeiro da direita.

A OBRA INSTITUCIONAL DO ARQUITETO VENTURA TERRA

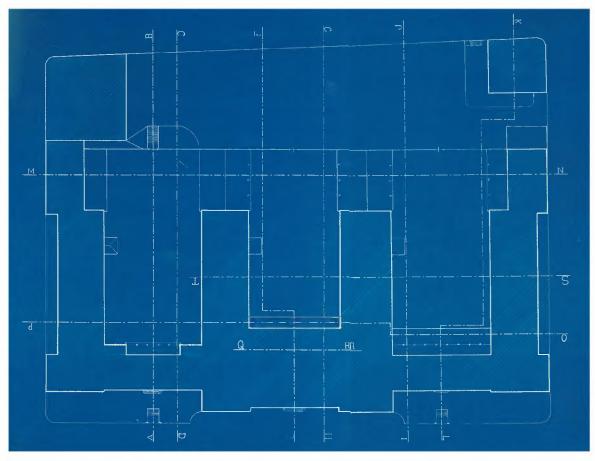
Como republicano, *maçon* e cidadão interveniente no espaço público, o Arq.º Ventura Terra desempenhou diversos cargos públicos e políticos que o projetam para o domínio ético-político. Transformar a sociedade portuguesa foi um desígnio sempre presente na sua ação como arquiteto, como urbanista e como institucionalista. Pelo ato eleitoral de 1 de novembro de 1908, após o regicídio de 1 de fevereiro, foi eleito vereador da Câmara Municipal de Lisboa numa lista inteiramente republicana e nesse lugar permaneceu até ao ato eleitoral de 30 de novembro de 1913. Como vereador da Câmara de Lisboa teve uma intervenção destacada no arranjo urbanístico da cidade uma vez que pretendeu e tentou realizar um plano arrojado de melhoramentos onde se incluía o edifício para o 1.º liceu feminino, na altura chamado Maria Pia. E dedicou-se a esse projeto seguindo as mais modernas exigências técnicas, científicas e higiénico-pedagógicas da época.

Ventura Terra também foi membro da Sociedade Portuguesa de Geografia, presidente da Sociedade, hoje Ordem, dos Arquitetos Portugueses e nessa instituição trabalhou afincadamente para a promoção da arquitetura e dignificação da profissão de arquiteto e também foi vogal da Comissão dos Monumentos Nacionais (1897-1919).

18. Fotografia aérea do início da década de 1930 da Avenida da Liberdade, Marquês de Pombal e Parque Eduardo VII.
O Arq.º Ventura Terra também concebeu planos para o Parque Eduardo VII, a envolvente do Liceu Maria Pia / Maria Amália.

A sua obra institucional é muito variada e projetou os mais diversos edifícios e equipamentos sociais, desde Viana do Castelo a Lisboa e ao Funchal. O seu primeiro e mais emblemático projeto foi o da remodelação, ampliação e modernização do Palácio das Cortes, hoje Palácio de S. Bento ou Assembleia da República, por um projeto de 1895. Concebeu os pavilhões de Portugal para a Exposição Universal de Paris de 1900 (1899). No domínio dos edifícios escolares projetou o Liceu Camões (1907), Liceu Pedro Nunes (1908), Liceu Maria Pia – Maria Amália Vaz de Carvalho (1913-1914) e, pelo menos, duas escolas primárias. No domínio religioso foi o responsável pelos projetos do Santuário de Santa Luzia em Viana do Castelo (1899) e da sinagoga Shaaré Tikvá de Lisboa (1902). Também projetou hotéis como o de Santa Luzia em Viana do Castelo (1900) e hospitais como o de Valentim Ribeiro em Esposende (1910) e a Maternidade Alfredo da Costa em Lisboa (1914). No domínio dos teatros delineou o Teatro-Club de Esposende (1907) e o Politeama em Lisboa (1911). Também esboçou pedestais de monumentos como a Soares dos Reis em V. N. Gaia (1901) e ao Marechal Saldanha em Lisboa (1905). No domínio urbanístico fez estudos e projetos para a área ribeirinha do Cais do Sodré e sua envolvente (1907), projetando a cidade de Lisboa para a "outra banda" (Almada); fez planos para o Parque Eduardo VII (1909) e para a cidade do Funchal (1914). Também projetou o edifício do Banco Lisboa e Açores em Lisboa (1905) e o edifício da Caixa Filial do Banco de Portugal no Porto (1918).[1]

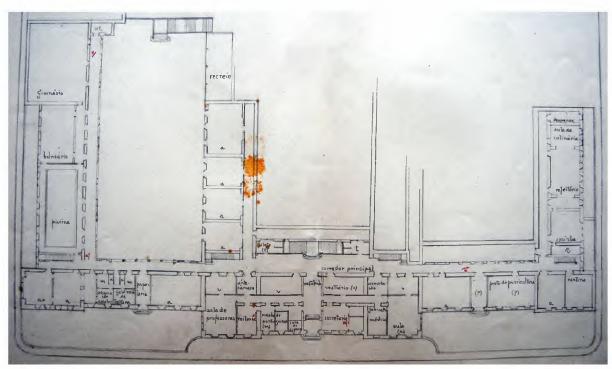
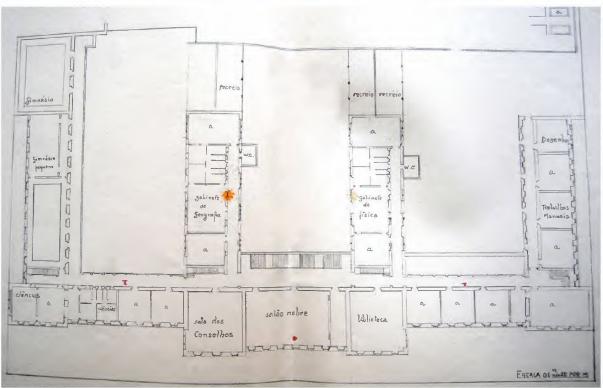
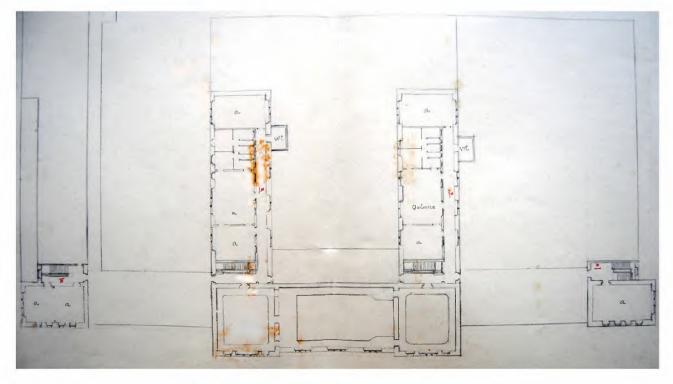
Referências e Notas Explicativas:

1 – http://www.caminha2000.com/jornal/n790/mvt.pdf e Ribeiro (2017).

19. Cianótipo 6 com a indicação dos cortes do edifício do Liceu Maria Pia/Maria Amália.

PLANOS GERAIS DO EDIFÍCIO

A planta geral do edifício para o Liceu Maria Pia, atualmente Escola Secundária Maria Amália, apresenta uma tipologia em forma de pente de 4 corpos perpendiculares ao corpo central, que compreende a fachada principal voltada para a Rua Rodrigo da Fonseca.

O projeto do Arq.º Ventura Terra desenvolvia-se em 2 e 3 pisos e não como hoje se apresenta, quase todo ele em 3 pisos. Nos anos 40 e 50 do século XX, devido ao aumento da população escolar, ampliou-se em um piso os corpos laterais da fachada principal, entre os torreões e o corpo central, e também se ampliou uma ou outra seção dos corpos perpendiculares à fachada principal.

A configuração do edifício em forma de pente, ocupando praticamente a totalidade de um quarteirão, transforma os recreios em pátios interiores com acesso direto aos vários corpos do edifício, mostrando, assim, uma alta funcionalidade no usufruto do edifício pela população escolar.

20 e 21. Planta do rés-do-chão e primeiro andar do Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho.

22. Planta do segundo andar do edifício do Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho.

A fachada principal pertence ao corpo central que integra todos os espaços dedicados à direção, administração e ritualização da vida escolar. Deste modo, no R/ch estão instalados a entrada com uma escadaria monumental que se ramifica em dois tramos de acesso ao 1.º andar, secretaria e seus arquivos, reitoria e seus anexos, sala dos professores e serviços diversos. No 1.º andar destacam-se amplos salões com o Salão Nobre, a "Sala do Conselho" – hoje Centro de Recursos Educativos – e a Biblioteca.

No que respeita aos corpos perpendiculares, todos eles estão dedicados às salas de aula, laboratórios das ciências experimentais, gabinetes de materiais didáticos e pedagógicos, ginásios e instalação para cozinha e cantina. De realçar que a cozinha e a cantina estão situadas no corpo perpendicular norte, voltado para a Rua Sampaio e Pina, e os ginásios com seus balneários – e no projeto de Ventura Terra uma piscina – estão situados no corpo perpendicular sul voltado para a Rua Marquês de Subserra.

23 e 24. Pormenores da cantaria da fachada do edifício.

PLANOS DE PORMENOR

Quanto aos pormenores, muitos aspetos se poderiam realçar uma vez que Ventura Terra apresenta no seu projeto os mais variados desenhos para cantarias, gradeamentos, estuques, formato e entalhes de madeiras dos vãos (portas e janelas), divisórias de balneários, etc.

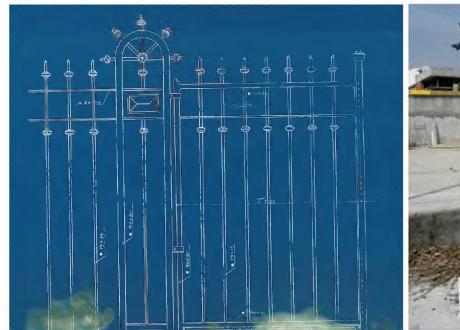
A título exemplificativo apresentam-se em seguida alguns aspetos que poderão ser verificados quer no projeto em cianótipos quer na obra produzida e hoje visível.

CANTARIA DA FACHADA

O projeto da fachada arquitetónica do edifício apresenta uma magnífica cantaria esculpida por canteiros de oficina lisboeta, provavelmente da Pardal Monteiro, com execução bastante uniformizada, onde se destacam três janelões, encimados por arcos de volta perfeita decorados com pequenos ressaltos. Estes janelões abrem para varandas com balaústres e grossos corpos pétreos acantonados e encimados por esferas. Estas sacadas são suportadas por pesadas consolas.

25, 26 e 27. Pormenores da cantaria da fachada do edifício.

A frontaria, sob as janelas do rés-do-chão, é revestida por grandes pedras almofadadas, sendo algumas talhadas em ponta de diamante. É este trabalho de cantaria que enriquece e, ao mesmo tempo, harmoniza a fachada do edifício.

28. Pormenor das pedras almofadadas em ponta de diamante da cantaria da fachada principal.

29 e 30. Cianótipo 23 com o desenho do gradeamento dos pátios interiores e restauro do gradeamento em 2006.

GRADEAMENTOS

Os gradeamentos do edifício da escola e quase todos os que contornam os espaços ajardinados dos edifícios da autoria do Arquiteto Ventura Terra, como os dos Liceus Luís de Camões Pedro Nunes, Maternidade Alfredo da Costa, Palácio Mendonça, entre muitos outros, apresentam as mesmas caraterísticas físicas e estilísticas, pelo que pressupomos que sejam provenientes da mesma empresa de metalurgia.

31. Escadaria central de acesso ao 1º. Andar em 1933. 32. Atrio de acesso ao Salão Nobre em 1933.

33 e 34. Portão atual e seu projecto não realizado, cianótipo 21. 35 e 36 – Gradeamentos dos pátios interiores.

O projeto original para o portão da fachada principal com um traçado de linhas naturalistas e curvilíneas, próprias do movimento de Arte Nova(cianótipo 21), foi alterado para um estilo mais austero e de linhas verticais. Esta terá sido uma das poucas alterações ao projeto inicial, tendo em conta que decorreram vinte anos entre a encomenda do programa do edifício, que teve várias interrupções como já referimos, até à sua inauguração no ano letivo de 1933/34.

Os gradeamentos que servem de resguardo nas zonas nobres e nos átrios principais do edifício sobressaem pela sua ornamentação, os outros, aplicados em áreas secundárias, apresentam-se apenas como guardas de proteção de linhas simples.

37. Interior do ginásio em 1933.

38, 39 e 40. Estuques da Biblioteca e Salão Nobre.

FRISOS DECORATIVOS: ESTUQUES

Ventura Terra registou em cianótipo os detalhes dos estuques para diferentes compartimentos da Casa do Reitor, que na realidade não chegou a ser construída, como explicaremos mais adiante. No entanto, desenhos muito semelhantes foram realizados nos grandes salões, que apresentam composições decorativas esgrafitadas e avivadas a dourado. Os estuques do átrio de entrada e do átrio do 1.º andar são decorados com pequenas consolas e redentes.

41 e 42. Interior da Biblioteca.

43. Escadaria central de acesso ao 1°. Andar.

PAVIMENTOS

O chão do edifício da escola é revestido a mármore nas zonas mais nobres, nos átrios centrais e nas escadarias. Os restantes pavimentos são revestidos a madeira.

Quanto à decoração dos pavimentos dos corredores, estes exibem dois tipos de ladrilhos sílico-calcáricos de cor vermelha e creme: um decorado com um motivo geométrico denominado coxim (quadrado curvilíneo de lados côncavos e ângulos arredondados) e outro com pequenos motivos geométricos irregulares.

44. Laboratórios de Química em 1933. 45. Sala da aula de Botânica em 1933.

46. Pormenor da escadaria de acesso ao 1º. andar.
47 e 48. Ladrilhos: um decorado com coxim e outro com motivos geométricos irregulares, a vermelho e creme (17 cm x17 cm).
49 e 50. Marca do ladrilho do rodapé de um corredor da escola.

Este motivo geométrico, o coxim, é usado em mosaicos greco-romanos e em pavimentos italianos nos séculos XV-XVI e revela-se novamente nos séculos XIX e XX.

O estudo das características técnicas e estilísticas dos pavimentos permite identificar oficinas, traçar itinerários de modelos, entender as ligações artísticas entre as diferentes escolas de ofícios e contribuir para o conhecimento das balizas cronológicas de laboração de oficinas já desaparecidas.

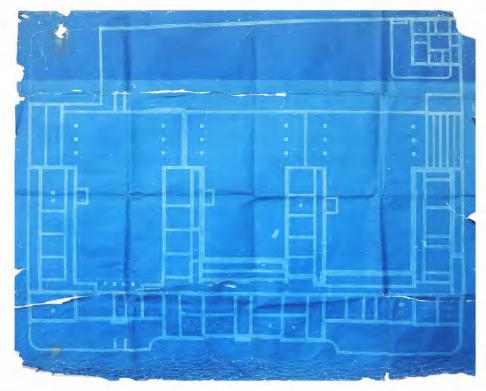
A marca da oficina registada no tardoz do rodapé de um dos corredores da escola permitiu lançar uma proposta de identificação da oficina onde terão sido fabricados estes ladrilhos.

No *Anuário Comercial* que consultamos na Biblioteca Nacional, verificamos que a maioria das fábricas de cerâmica laboraram na zona de Alcântara, durante a 2.ª metade do século XIX e princípios do século XX. Até este momento, ainda não encontramos nenhuma oficina ou fábrica, cujo nome possa corresponder à sigla (marca) "SCIAL", que detetamos num ladrilho do rodapé de um dos corredores da escola, pelo que continuaremos a nossa pesquisa no sentido de apurar o local de fabrico destes ladrilhos.

51. Interior do Salão Nobre em 1933

GRANDES SALÕES

Como arquiteto institucionalista, Ventura Terra consagrou no corpo principal do edifício amplos salões para os rituais, celebrações escolares, artes de palco e culto da escola e da educação. O risco do edifício do primeiro liceu feminino enquadra-se na ideia de dotar a República de um equipamento emblemático e segundo parâmetros de um moderno cosmopolitismo. Como já referimos, Ventura Terra desenhou um edifício em forma de pente com quatro corpos perpendiculares a um corpo central com frontaria que dá para a Rua Rodrigo da Fonseca e onde se encontram instalados os principais serviços da instituição.

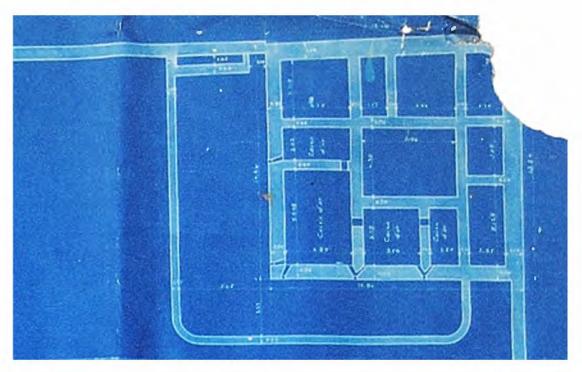
Na parte central do 1.º andar, sobre a entrada principal, encontra-se o Salão Nobre, acedido por uma grande escadaria dupla em pedra, a Biblioteca e a Sala do Conselho – hoje Centro de Recursos Educativos –, cada um deles com as suas galerias com pé direito de grandes dimensões.

52. *Plano geral dos alicerces (cianótipo 1) onde é visível, no canto superior direito, o espaço de implantação da Casa do Reitor.*

A CASA DO REITOR: UM PROJETO INVIÁVEL

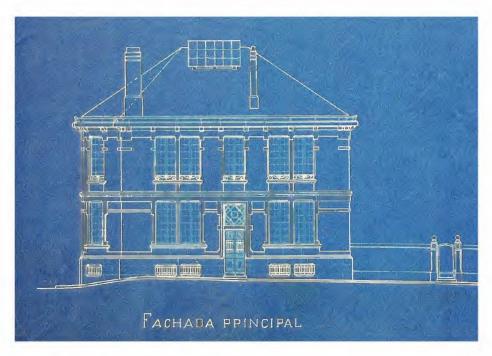
Ao longo dos anos construíram-se as mais diversas histórias e fantasias sobre a Casa do Reitor do Liceu Maria Amália que importa esclarecer. Não raramente se ouvia dizer que a Casa do Reitor se tratava do único prédio particular que pertencia ao mesmo quarteirão da escola – canto sudoeste (cruzamento da Rua de Artilharia Um com a Rua Marquês de Subserra) – e que atualmente não é propriedade da escola. Afirmava-se também que o Estado teria alienado o edifício da Casa do Reitor por dificuldades de tesouraria. Numa outra versão também se ouvia dizer que o edifício sempre tinha sido particular mas que houve tempo em que o Estado o teria alugado para Casa do Reitor.

Julgamos que estamos na posse dos principais elementos para explicar o projeto da Casa do Reitor e se ele foi executado ou não.

O único prédio particular que se encontra no quarteirão da Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho, no cruzamento das ruas Marquês de Subserra – n.ºs 10 a 10C – e Artilharia Um, sempre foi e continua a ser particular e nunca foi alugado ou sequer utilizado pelo Liceu / Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho.[1]

Segundo a documentação existente no Arquivo Municipal, as diligências para a construção deste prédio iniciaram-se por volta de 1895 a pedido do proprietário do terreno Dr. Carlos Artur da Silva. Como os documentos são omissos, nada foi possível apurar entre 1895 e 1913.

53. Pormenor de implantação da Casa do Reitor (cianótipo 1).

A escritura da compra do terreno à Câmara Municipal de Lisboa, segundo declaração do adquirente Dr. Carlos Artur da Silva, data de 14 de fevereiro de 1913. O projeto do prédio particular, para habitação, foi apresentado pelo Dr. Carlos Artur da Silva e foi aprovado pela 4.ª Repartição (Arquitetura) da Câmara Municipal de Lisboa em seis de maio de 1913.

A superfície de construção do prédio particular foi de 893,00m2, ficando com um terreno anexo de «menos de 100,00m2» e um prazo de realização da obra de 12 meses. As medidas estabelecidas para o edifício foram 22,50m para a Rua Marquês de Subserra, 22,00m para a Rua Artilharia Um, 22,85m para Nascente e 23,35m para Norte. No mesmo ano de 1913 o Estado (Ministério do Interior) decidiu, por Decreto de 15-07-1913[2], adquirir um terreno e construir um edifício para o 1.º liceu feminino, entregando a obra ao risco do arquiteto Miguel Ventura Terra. Em 1914 o Estado comprou à Câmara Municipal de Lisboa o terreno onde hoje está a Escola Secundária Maria Amália, contíguo ao terreno particular onde já deveria estar em construção o prédio do Dr. Carlos Artur da Silva. Neste caso será de ter em conta alguma implicação entre os dois projectos, um particular e outro público, na medida em que se iniciaram ao mesmo tempo. Por outras palavras, o Estado não acordou em tempo oportuno com a Câmara Municipal ou não quis impedir a construção do prédio e expropriar o terreno particular, por utilidade pública, de modo a reservar todo o quarteirão para o edifício do 1.º Liceu Feminino, na altura designado Liceu Maria Pia.

54. Pormenor do cianótipo 5 com a Casa do Reitor.

De acordo com uma declaração do proprietário, o prédio ficou concluído em 30 de Setembro de 1915, altura em que o edifício do Liceu Maria Pia estava pelos caboucos e início dos alicerces. Devido à Grande Guerra (1914-1918), à instabilidade política da 1.ª República e aos problemas financeiros, as obras do liceu feminino foram decorrendo com muitos problemas até que pararam em 1921. As obras só foram retomadas em junho de 1930 e o edifício só foi inaugurado em 1933, no período das "urgências" de consolidação do Estado Novo.

A partir da construção do prédio particular, os documentos do Arquivo Municipal apenas registam, da responsabilidade do Dr. Carlos Artur da Silva ou herdeiros (a partir dos anos 40), obras de manutenção e conservação do prédio, construção de um terraço na área exterior do edifício [3] ou aluguer do rés-do-chão a várias firmas ("A. Bairrada L.da" – anos 20; "Electro Lux, L.da" – anos 30 a 60; "Astrom – Representações, L.da" – anos 60; pronto-a-vestir "Victor Costa Pereira, L.da" – anos 80; "Arthur Young & Company" – anos 80). Atualmente funciona neste edifício um ateliê de arquitetura.

Pelas plantas e desenhos em cianótipo, depositadas no arquivo da Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho e presumivelmente elaboradas em 1914, verificamos a forma destacada e institucional como Ventura Terra pensou e idealizou a Casa do Reitor. Pensou-a e projetou-a com toda a dignidade institucional.

O prédio da Casa do Reitor foi projetado para um dos cantos do quarteirão (cruzamento da Rua Artilharia Um com a Rua Sampaio e Pina), destacado do edifício do liceu, em oposição ao outro edifício que era e é propriedade particular como explicamos anteriormente. Digamos que as traseiras do edifício do liceu ficariam guardadas por dois prédios, à maneira de dois torreões defensivos, simetricamente colocados e com configuração semelhante para conferir harmonia e equilíbrio urbanístico ao espaço-quarteirão.

55. Pormenor do cianótipo 5 com a Casa do Reitor.

As linhas de pormenor da Casa do Reitor poderão ser apreciadas não só pelo lado das Belas Artes do ateliê de Victor Laloux como pelo risco das várias vivendas que Ventura Terra projetou, quer sejam em Lisboa, Cascais, Seixas (Minho) ou noutro lugar. Os pormenores vão desde o risco das divisões interiores, espaços de circulação e aberturas até à iluminação natural, uso do ferro, desenho das almofadas das portas e desenhos dos estuques, conforme podemos observar no risco do "Pavilhão das Habitações (Reitor, Sub-diretora / Prefeita e Porteiro).

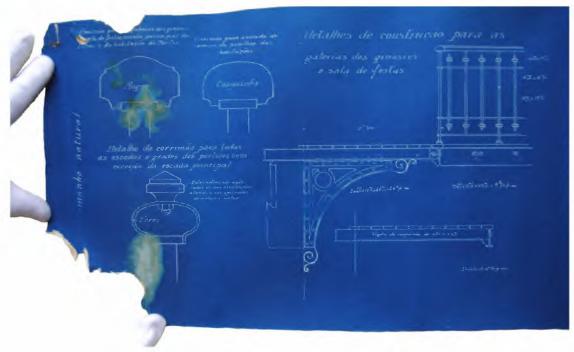
Os aposentos do Reitor sugerem um elevado conceito na representação da autoridade. Rodeado pela Sub-diretora ou Prefeita e pelo Porteiro, o Reitor dispunha de diversos espaços de exercício da sua autoridade: reitoria, escritório, sala de jantar, sala de visitas e aposentos privativos.

Devido à gravíssima crise por que passava Portugal nos anos 20 e 30 e à política de contenção financeira no período de afirmação do Estado Novo, o edifício da Casa do Reitor passou a ser um projeto abandonado. Dado o crescimento exponencial de matrículas no Liceu Maria Amália os problemas mais prementes passaram a ser a construção de novas salas de aula.

Referências e Notas Explicativas :

1 – Arquivo Municipal de Lisboa (Bairro da Liberdade) «OBRA N.º 3290 – Local: Rua Marquez de Subserra 10 a 10B tornej. Rua de Artilharia Um, 66 a 72.»

2 – *Diário do Governo*, n.º 164, 16-07-1913, pág. 2642.

3 – O despacho de autorização é de 31-08-1926.

56. Degradação dos cianótipos (cianótipo 24).

CIANÓTIPOS DO ATELIÊ DE VENTURA TERRA PARA O EDIFÍCIO DO PRIMEIRO LICEU FEMININO

PROCESSO DE INVENTARIAÇÃO E ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Durante o ano letivo de 2009/2010, iniciámos os trabalhos do Projeto Património com a inventariação de todas as plantas, alçados e cortes que se encontravam dispersos pela Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho. Procedemos a um registo fotográfico, inventariámos, descrevemos sumariamente todas as espécies e demos a conhecer o seu estado de conservação num catálogo. Foi desta forma que começamos por dar a importância que merecem, embora não fazendo a distinção entre cianótipos e outro tipo de registos gráficos mais recentes. [1]

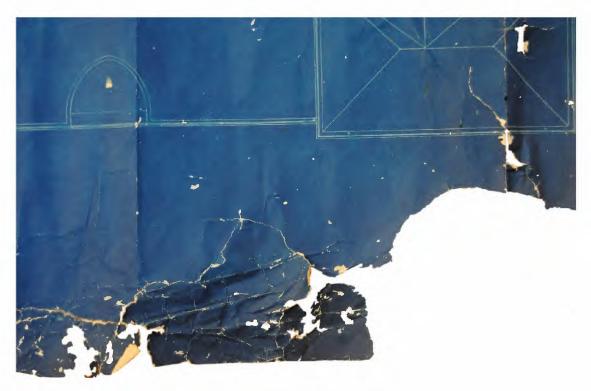
Desses, selecionámos o que pensamos serem cianótipos do ateliê do Arq.º Ventura Terra e que constituem o projeto inicial do edifício para o primeiro liceu feminino. Reproduziu-se toda a peça fotograficamente no seu estado de conservação e, em seguida, fez-se a sua descrição sumária. Na ficha do catálogo referimos o número de inventário, a descrição, a escala, as dimensões e o estado de conservação. Até este momento, nenhum destes cianótipos foi publicado, estando, por isso, todos inéditos. Os cianótipos estão guardados no arquivo da Biblioteca da escola e constituem uma coleção de 35 desenhos reproduzidos em "blueprint".

57 e 58. Degradação dos cianótipos (cianótipos 29 e 22).

Os cianótipos aguardam uma intervenção de restauro feita por técnicos especializados no tratamento destas espécies. Encontram-se muito danificados devido ao modo como foram acondicionados até à atualidade. Foram encontrados em núcleos dispersos, sem qualquer tipo de proteção. Estes, apresentavam-se enrolados, pelo que todos os topos se encontram muito danificados .

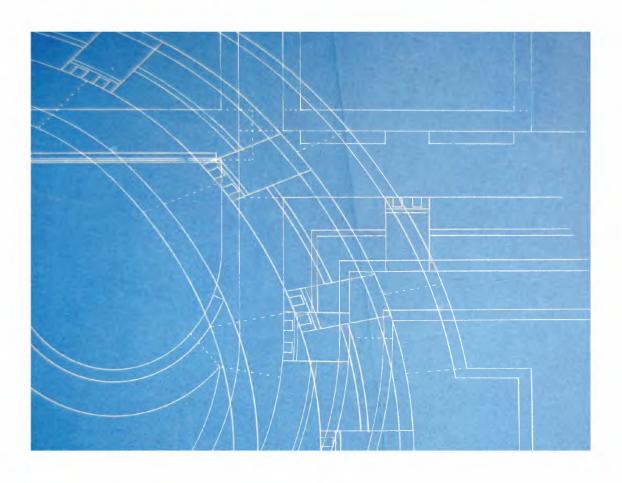
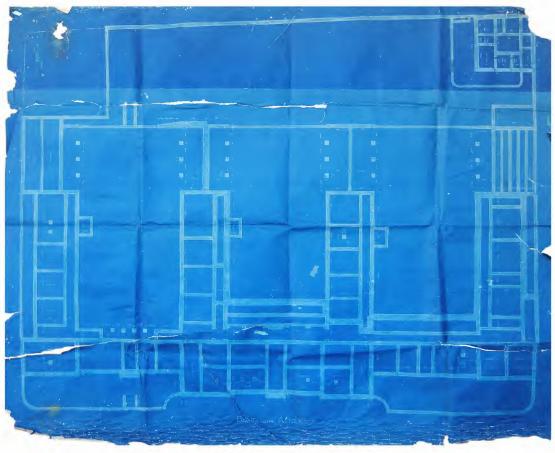
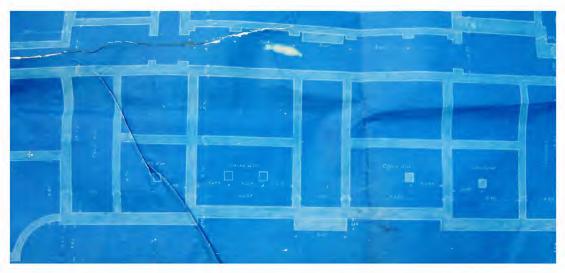
Alguns destes cianótipos foram colados sobre folhas de cartolina branca, com fita adesiva nos cantos e nas margens laterais, para apresentação na exposição das comemorações da ESMAVC, em 1985-86, por ocasião da celebração do 1.º centenário da Escola Maria Pia / Escola Maria Amália Vaz de Carvalho. Depois da exposição foram guardados, tendo sido enrolados, uns nos outros, sem terem sido retirados das cartolinas e mantendo a fita adesiva.

Para além de um inadequado acondicionamento e a falta de monitorização, outros fatores contribuíram para a sua deterioração: a presença de insetos devido à ausência de limpeza e expurgos bem como a humidade que provocou a existência de fungos, entre outros.

Feito o rastreio deste conjunto, em diversos estádios de evolução de degradação, devemos decidir quais as medidas para actuações futuras. Visitámos o arquivo e ateliês de restauro do SIPA (Sistema de Informação para o Património Arquitetónico), situado no Forte de Sacavém, que visa a salvaguarda e valorização deste tipo de bens patrimoniais. Foi-nos proposto por esta instituição o restauro dos cianótipos de Ventura Terra, bem como a guarda deste legado, mediante um protocolo a negociar com a Direção da escola. Consideramos que esta seria uma solução para a preservação deste espólio.

59. Degradação dos cianótipos (cianótipo 2).

Este conjunto de cianótipos realizado no ateliê do Arq.º Ventura Terra torna possível descrever a história do projeto arquitetónico do edifício que alberga a Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho. Deve ser um dos poucos núcleos completos realizado por um arquiteto e que se encontra reunido no mesmo arquivo. É composto por desenhos que apresentam o traçado dos alicerces, das coberturas, fachadas laterais norte e sul, pavilhão das habitações do reitor, prefeita e porteiro, plantas indicando todos os cortes, em número de dez, desde AB a ST, o que possibilita a construção da maqueta original traçada por Ventura Terra; detalhes dos pavilhões das retretes das alunas, de gradeamentos, portas e portões; detalhes de pórticos de cantarias, soleiras, peitoris, vergas, "enchalsos" de janelas, divisórias de mármore e madeiras dos balneários, madeiras de portas e persianas, rodapés para compartimentos e detalhe das chaminés dos compartimentos de química.

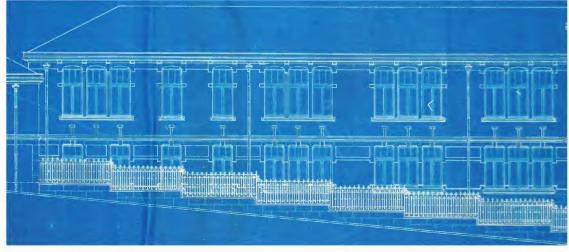
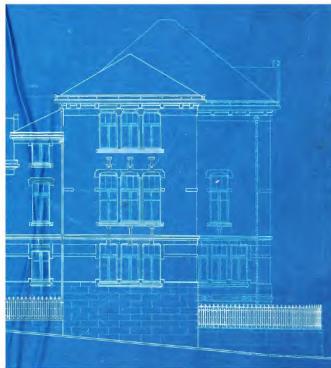
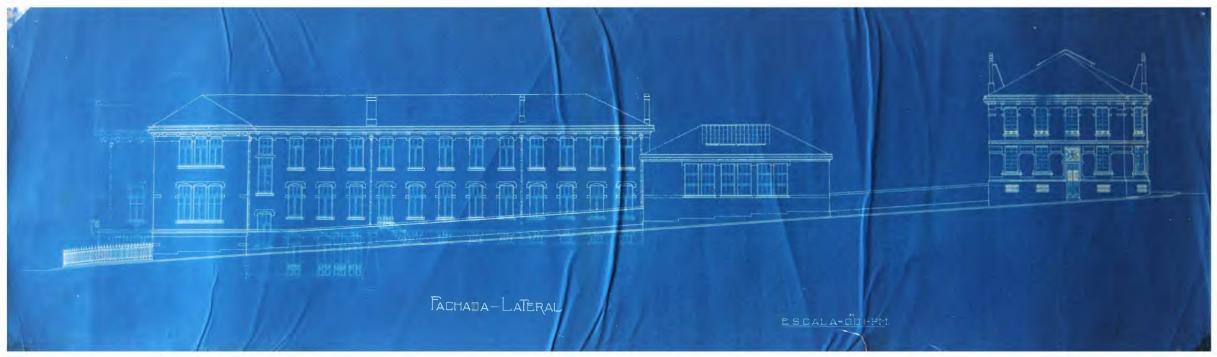
Referências e Notas Explicativas:

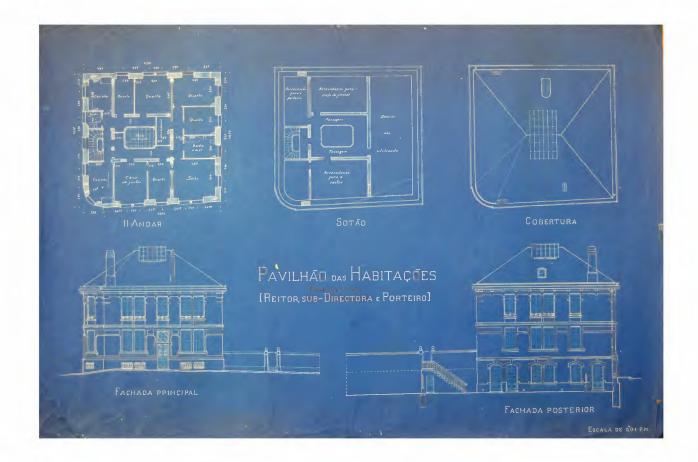
1 – «Cianótipo: processo de impressão fotográfica que origina imagens num tom de azul ciano, inventado pelo britânico John Herschel em 1842. Este processo permite obter directamente uma imagem fotográfica positiva pela utilização de ferrocianeto ou ferroprussiato de potássio para sensibilizar o papel. Também chamada «impressão azul» (amarela quando está seca, torna-se azul quando passa pela água), este papel serve sobretudo para tiragens de desenhos de arquitectura ou de traçados industriais.» (Christine Buignet, *Dictionnaire de la Photo*, Paris: Larousse, 1996).

CATÁLOGO DOS CIANÓTIPOS

Descrição: Planta dos alicerces.
Dimensões: 143 X 115cm
Estado de conservação: Muito mau estado. Rasgado nas linhas de dobragem.

Descrição: «Planta das coberturas».
Dimensões: 151 X 90 cm
Estado de conservação: Muito mau estado; em desagregação.

FACHADA -- LATERAL

ESCALA-0,01-P.M.

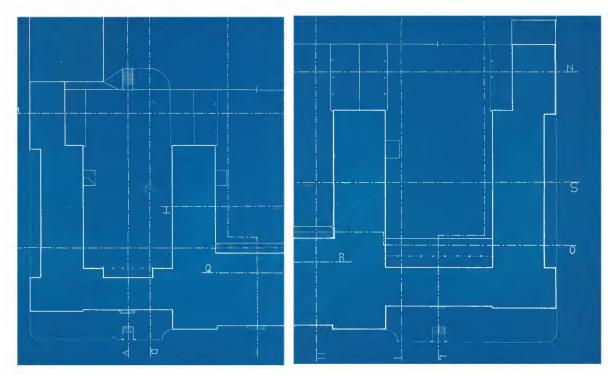
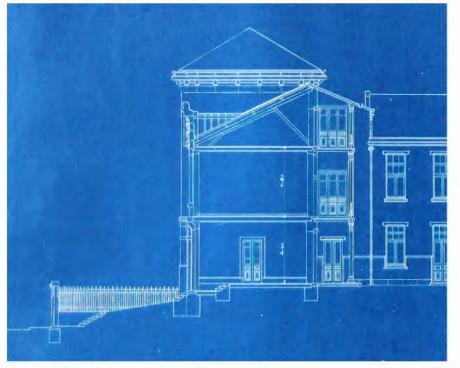
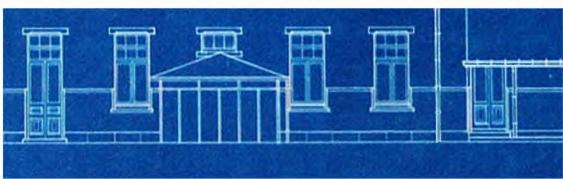
CIANÓTIPO 3

Descrição: «Fachada Lateral» Sul.
Escala: 0m,01 p.m. (1:100).
Dimensões: 106 X 34cm
Estado de conservação: Topos, superior e inferior, deteriorados devido ao uso de fita adesiva.
Apresenta vincos verticais por ter estado enrolado e colado a cartolina.

Descrição: «Fachada Lateral» Norte (Rua Sampaio e Pina).
Escala: 0m,01 p.m. (1:100).
Dimensões: 117 X 34cm
Estado de conservação: Topos, superior e inferior, deteriorados devido ao uso de fita adesiva. Apresenta vincos verticais por ter estado enrolado e colado a cartolina.

Cianótipo 5

Descrição: «Pavilhão das habitações: Reitor, Prefeita e Porteiro» (não foi construído).
Escala: 0m,01 p.m. (1:100).
Dimensões: 70 X 74cm
Estado de conservação: Topos, superior e inferior, deteriorados devido ao uso de fita adesiva.

Cianótipo 6

Descrição: Planta indicando os cortes.
Dimensões: 52 X 34,5cm
Estado de conservação: Danificado no canto superior esquerdo.

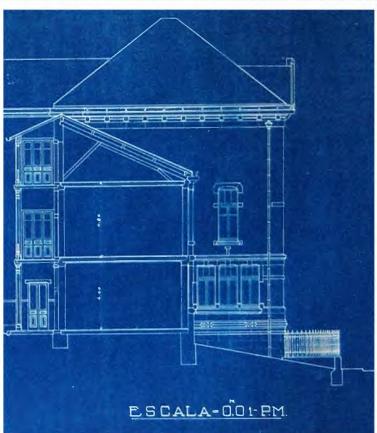
CIANÓTIPO 7

Descrição: «Corte por A-B».
Escala: 0m,01 p.m. (1:100).
Dimensões: 116 X 34,5 cm
Estado de conservação: Bom.

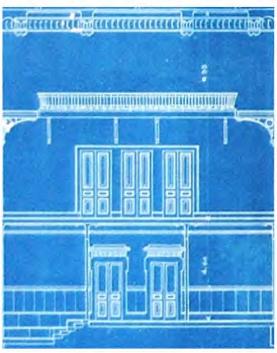
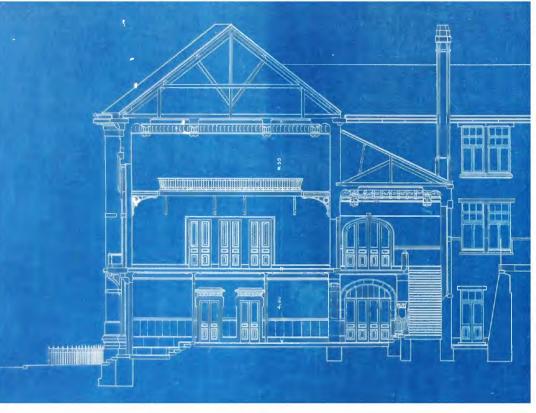
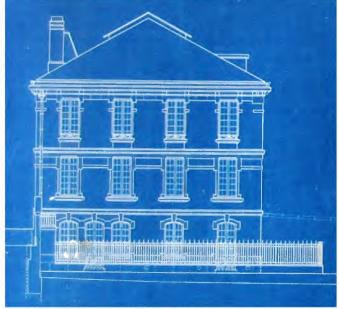
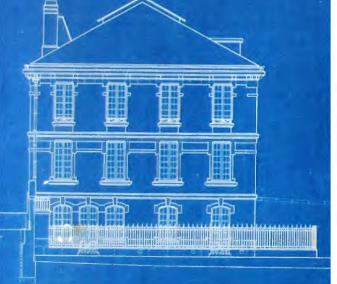
CIANÓTIPO 8

Descrição: «Corte por C-D».
Escala: 0m,01 p.m. (1:100).
Dimensões: 115 X 34,5 cm
Estado de conservação: Bom.

CORTE POR E-F

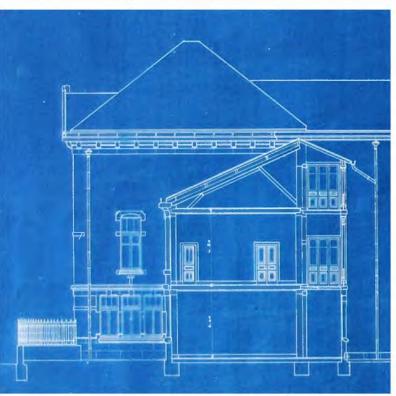
ESCALA-0,01-P.M.

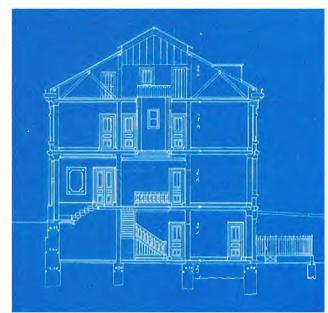
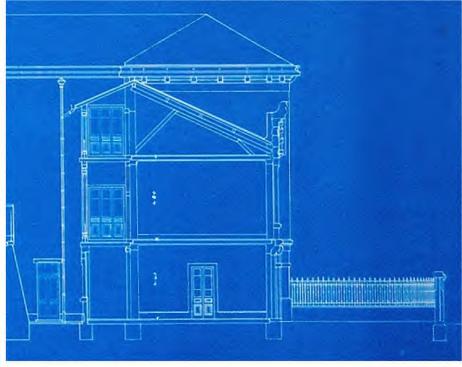
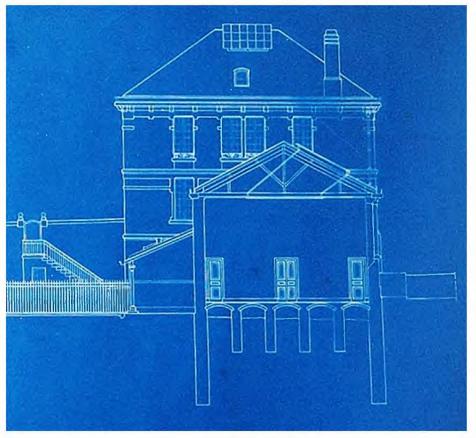
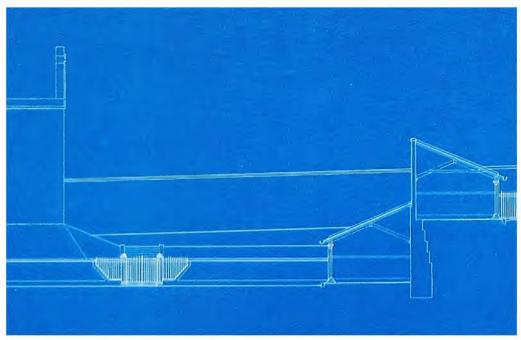
CIANÓTIPO 9

Descrição: «Corte por E-F».
Escala: 0m,01 p.m. (1:100).
Dimensões: 113 X 35cm
Estado de conservação: Topos, superior e inferior, deteriorados devido ao uso de fita adesiva.

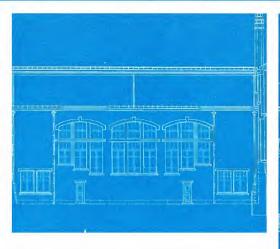
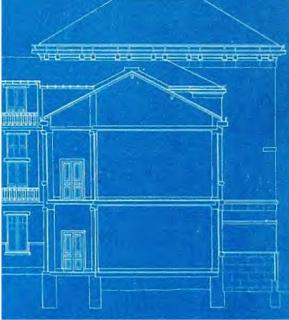
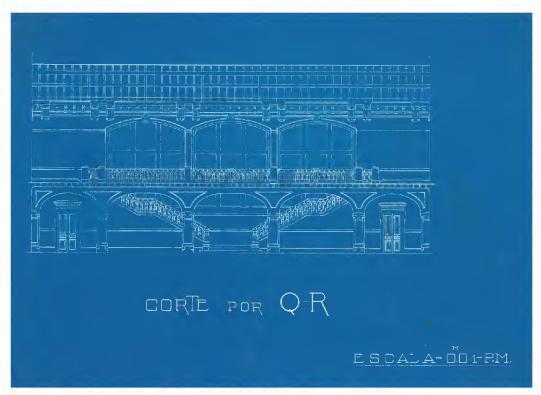
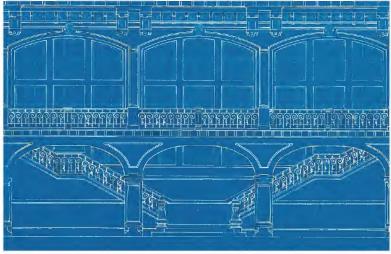
CIANÓTIPO 10

Descrição: «Corte G-H».
Escala: 0m,01 p.m. (1:100).
Dimensões: 117 X 34 cm
Estado de conservação: Bom.

CIANÓTIPO 11

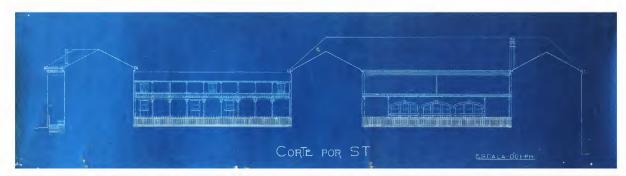
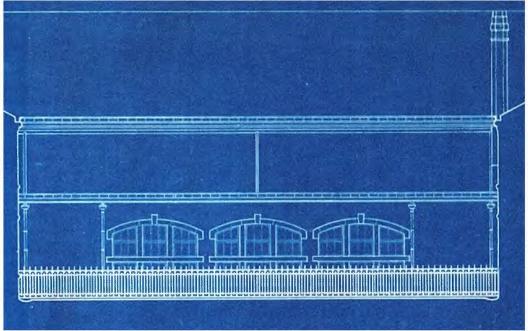
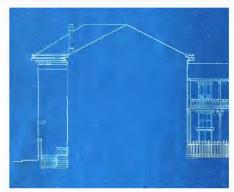
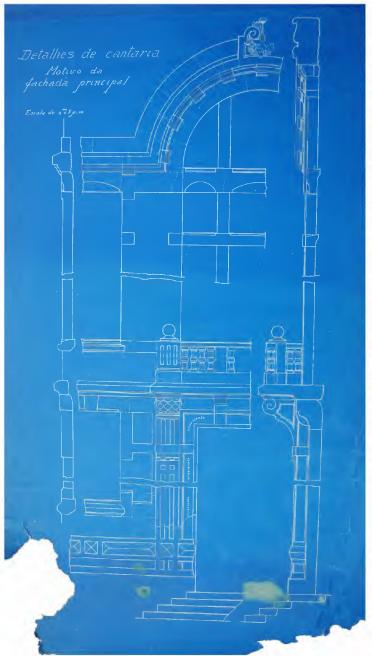
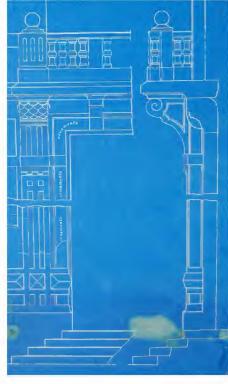
Descrição: «Corte por I-J».
Escala: 0m,01 p.m. (1:100).
Dimensões: 113 X 34cm
Estado de conservação: Bom.

CIANÓTIPO 12

Descrição: «Corte por K-L».
Escala: 0m,01 p.m. (1:100).
Dimensões: 116 X 35cm
Estado de conservação: Bom.

CIANÓTIPO 13

Descrição: «Corte por M-N».
Escala: 0m,01 p.m. (1:100).
Dimensões: 145 X 37cm
Estado de conservação: Bom. Apresenta um pequeno corte no canto superior esquerdo.

CIANÓTIPO 14

Descrição: «Corte por O-P».
Escala: 0m,01 p.m. (1:100).
Dimensões: 146 X 37,5cm
Estado de conservação: Topos, superior e inferior, deteriorados.

CIANÓTIPO 15

Descrição: «Corte por Q-R» (escadaria central de acesso ao 1º andar).
Escala: 0m,01 p.m. (1:100).
Dimensões: 36 X 28,5cm
Estado de conservação: Bom.

CIANÓTIPO 16

Descrição: «Corte por S-T».
Escala: 0m,01 p.m. (1:100).
Dimensões: 105 X 28cm
Estado de conservação: Apresenta pequenas perfurações na zona inferior esquerda e uma na zona superior, ao centro.

Detalhes de cantaria
Motivo da
fachada principal

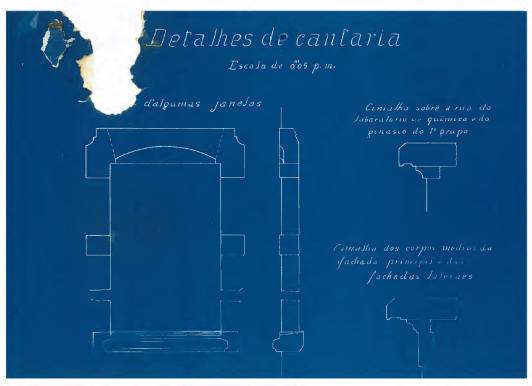
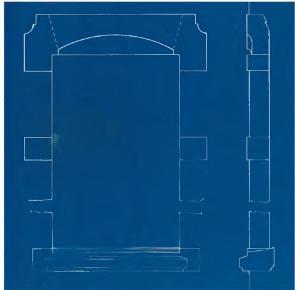
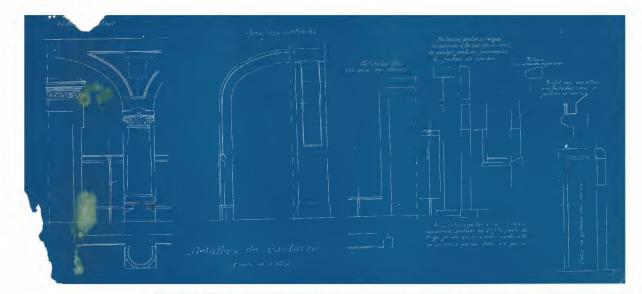
Escala de 0m05 p.m.

CIANÓTIPO 17

Descrição: «Detalhes de cantaria - Motivo da fachada principal».
Escala: 0m,05 p.m. (1:20).
Dimensões: 73,5 X 41cm
Estado de conservação: Muito mau estado nos cantos inferiores.

CIANÓTIPO 18

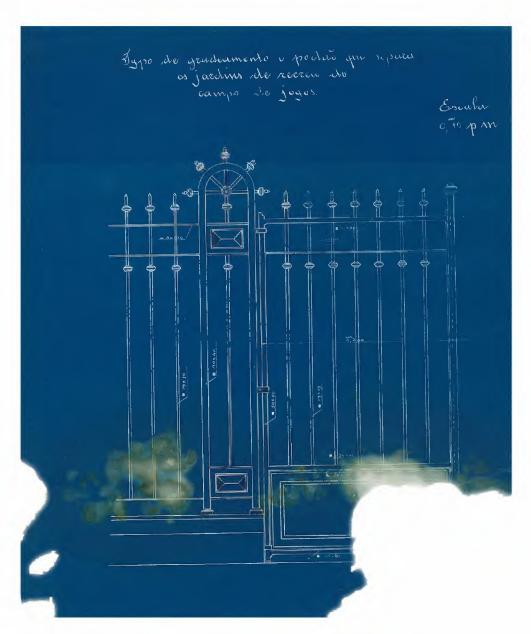
Descrição: «Detalhes de cantaria - Motivo da fachada principal».
Escala: 0m,05 p.m. (1:20).
Dimensões: 48 X 38,5 cm
Estado de conservação: Mau estado nos cantos inferiores.

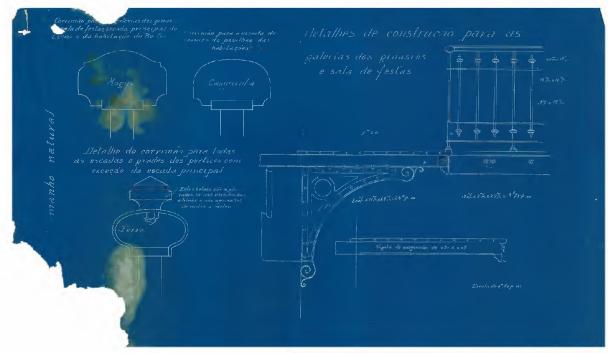
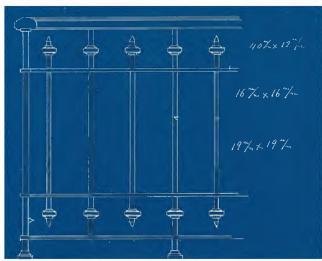
CIANÓTIPO 19

Descrição: «Detalhes de cantaria».
Escala: 0m,05 p.m. (1:20).
Dimensões: 37 X 25 cm
Estado de conservação: Mau estado. Parte superior esquerda muito deteriorada.

Descrição: «Detalhes de cantaria» - soleiras, peitoris, vergas.
Escala: 0m,05 p.m. (1:20).
Dimensões: 73 X 34 cm
Estado de conservação: Mau estado nos cantos superior e inferior do lado esquerdo e canto inferior direito.

CIANÓTIPO 21

Descrição: «Detalhe do portão central da fachada principal».
Escala: 0m,05 p.m. (1:20).
Dimensões: 29 X 20cm
Estado de conservação: Muito mau estado na parte inferior.

CIANÓTIPO 22

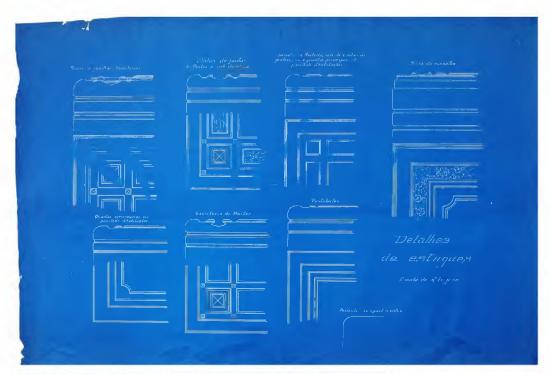
Descrição: «Conjuncto e detalhes das portas das entradas das alunas».
Escala: cortes em escala natural.
Dimensões: 74,5 X 48,5cm
Estado de conservação: Muito mau estado. Deteriorado na parte superior.
Observações: Apresenta no reverso uma marca carimbada a azul: «SOLANITE BRAND, RE (...) Jones & Co. Liverpool (...)».

Descrição: «Typo de gradeamento e portão que separa os jardins de recreio do campo de jogos».
Escala: 0m,10 p.m. (1:10).
Dimensões: 37,5 X 32cm
Estado de conservação: Muito mau estado nos cantos inferiores.

CIANÓTIPO 24

Descrição: «Detalhes de construção para as galerias dos ginásios e sala de festas».
Escala: 0m,10 p.m. (1:10).
Dimensões: 49 X 29 cm
Estado de conservação: Muito mau estado. Deteriorado nos cantos inferior esquerdo e superior esquerdo.

CIANÓTIPO 25

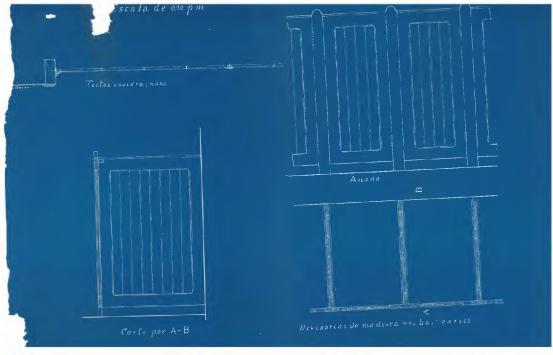
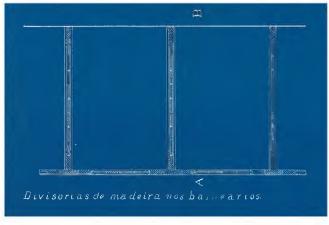
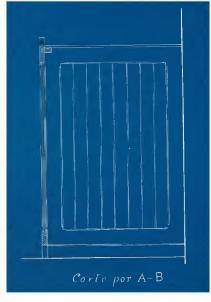
Descrição: «Conjuncto e detalhes das portas interiores».
Escala: 1:10 e cortes em escala natural.
Dimensões: 61 X 52 cm
Estado de conservação: Mau estado nos cantos inferiores.

CIANÓTIPO 26

Descrição: Madeiras: «portas e persianas de todas as frestas de ventilação indicadas no projecto».
Dimensões: 67 X 47cm
Estado de conservação: Danificado nos cantos superior e inferior do lado esquerdo.

Este cianótipo apresenta oito «Detalhes dos estuques» de salas:

1. «Salas no pavilhão de habitações».
2. «Salas de jantar do Reitor e sub-directora». O nome desta última está riscado e substituído por «Prefeita».
3. «Secretaria, Reitoria, sala de visitas das professoras, quartos principais do pavilhão de habitações».
4. «Sala do conselho».
5. «Quartos secundários no pavilhão de habitações».
6. «Escritório do reitor».
7. «Vestíbulos».
8. «Restantes compartimentos».

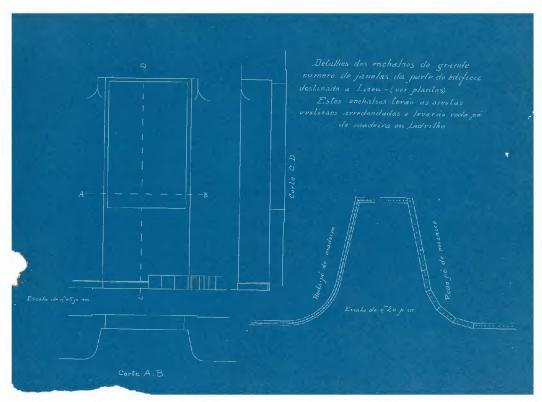
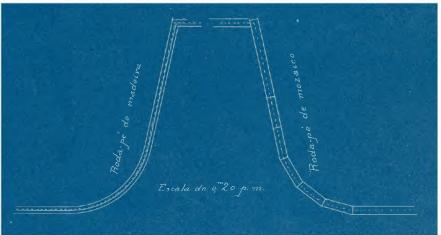
CIANÓTIPO 27

Descrição: «Detalhes de estuques».
Escala: 0m,10 p.m. (1:10).
Dimensões: 66 X 44 cm
Estado de conservação: Bom, embora muito enrugado na parte inferior por mau acondicionamento.

CIANÓTIPO 28

Descrição: «Tectos envidraçados» e «Divisórias de madeira nos balneários».
Escala: 0m,10 p.m. (1:10).
Dimensões: 57,5 X 36 cm
Estado de conservação: Mau estado nos cantos inferior e superior esquerdos.

CIANÓTIPO 29

Descrição: «Conjunto de detalhes de uma janela».
Escalas: conjunto 1:10; detalhes: escala natural.
Dimensões: 73,5 X 58,5 cm
Estado de conservação: Muito mau estado nas margens laterais.

CIANÓTIPO 30

Descrição: «Detalhes dos enchalsos de grande número de janelas da parte do edifício destinado a liceu – (ver plantas). Estes enchalsos terão as arestas verticaes arredondadas e levarão roda-pé de madeira ou ladrilho».
Escala: 0m,05 p.m. (1:20) e 0m,20 p. m. (1:5).
Dimensões: 31,5 X 41cm
Estado de conservação: Danificado nos cantos.

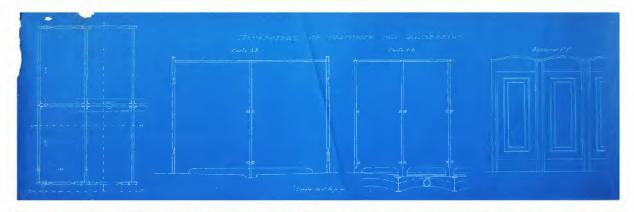
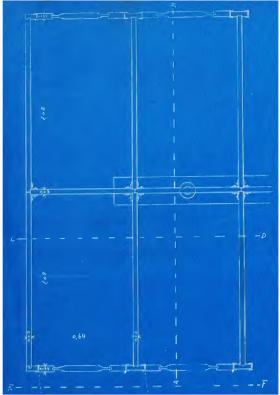
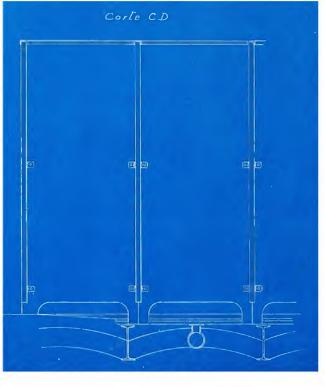
Detalhes

dos pavilhões das retretes
das alunas.

Escala de 0m05 p m

CIANÓTIPO 31

Descrição: «Detalhes dos pavilhões das retretes das alunas».
Escala: 0m,05 p.m. (1:20).
Dimensões: 57,5 X 50 cm
Estado de conservação:
Muito mau estado no canto inferior esquerdo.

CIANÓTIPO 32

Descrição: «Divisórias de mármore nos balneários» (cortes AB e CD e alçado por EF).
Escala: 0m,10 p.m. (1:10).
Dimensões: 86 X 28cm
Estado de conservação: Danificado no canto lateral esquerdo.

Alçado de frente

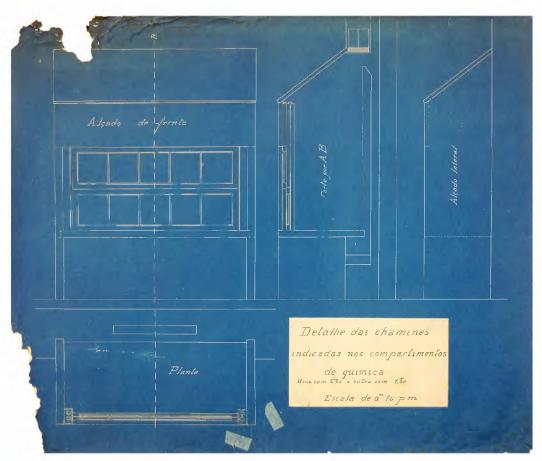
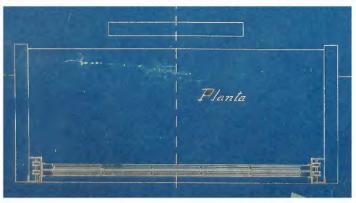
Corte por A B

Alçado lateral

Planta

Detalhe das chaminés indicadas nos compartimentos de química

Escala de 0m 10 p m

CIANÓTIPO 33

Descrição: «Detalhe das chaminés indicadas nos compartimentos de química».
Escala: 0m,10 p.m. (1:10).
Dimensões: 63 X 53 cm
Estado de conservação: Muito mau estado nos cantos superior e inferior esquerdos.

Roda-pé para a Reitoria, Secretaria, Sala de festas, Sala de conselho e compartimentos principaes no pavilhão d'habitações

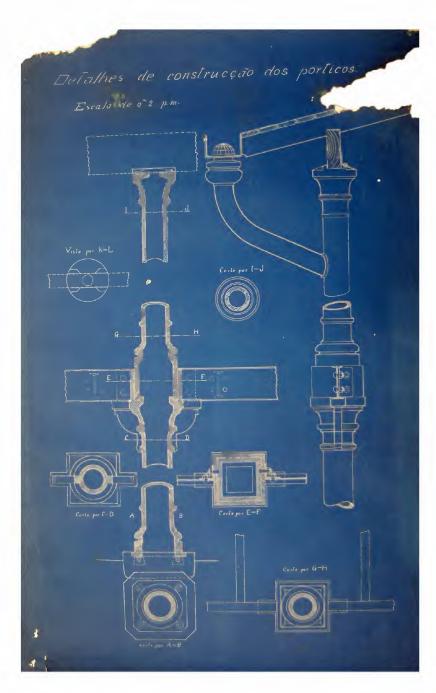
Guarnecimento para os restantes compartimentos

Guarnecimento para a Reitoria, Secretaria, Sala de festas, Sala de conselho e comparti-mentos principaes no pavilhão d'habitações

Rodá-pé para os restantes compartimentos

Faixa formando lambris na casa de jantar e escritorio do Reitor

Descrição: «Roda-pé para Reitoria, Secretaria, Sala de festas, Sala de conselho e compartimentos principaes no pavilhão d'habitações».
Dimensões: 44 X 39 cm
Estado de conservação: Mau estado no canto inferior esquerdo.

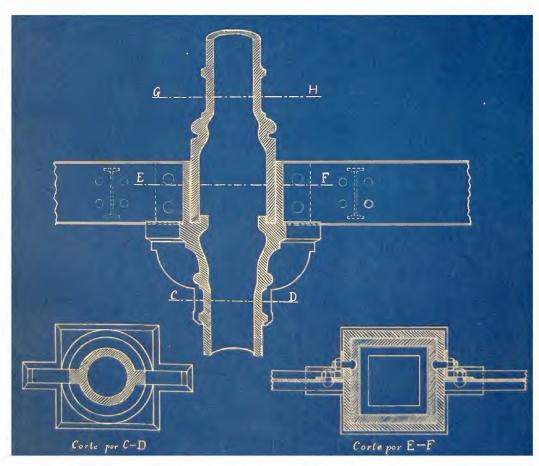
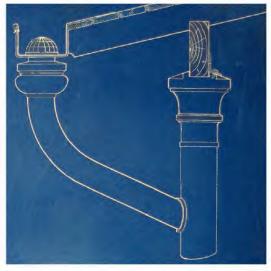
CIANÓTIPO 35

Descrição: «Detalhes de construcção dos porticos».
Escala: 0m,2 p.m. (1:5).
Dimensões: 74,5 X 46,5cm
Estado de conservação: Muito mau estado. Deteriorado no topo superior.

G H

E F

C D

Corte por C-D

Corte por E-F

Bibliografia

ALEGRE, Maria Alexandra de Lacerda Nave (2009) – *Arquitectura Escolar: O Edifício Liceu em Portugal (1882-1978)*. Dissertação para a obtenção do grau de Doutor em Arquitectura pela Universidade Técnica de Lisboa (IST).

Anuário Comercial, 1903, p. 421, Lisboa: Biblioteca Nacional.

Anuário do Liceu de Maria Amália Vaz de Carvalho - Ano Escolar de 1929-1930, Lisboa: Imprensa Nacional, 1931.

BARROS, Teresa Leitão de (1940) – «Os Nossos Liceus - O Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho», in *Liceus de Portugal* (Boletim da Acção Educativa do Ensino Liceal), n.º 2, pp. 86-96.

BELÉM, António Manuel da Cunha (1900) – *Eschola Maria Pia (Instrucção do Sexo Feminino) - Noticia para o Congresso Pedagógico de Madrid em 1892*, Coimbra: Imprensa da Universidade.

CUNHA, Pedro José da (1916) – «O ensino secundário do sexo feminino em Portugal», *Revista de Educação Geral e Técnica*, Abril 1916.

MAGALHÃES, Raquel Maria Guilherme Guedes Pinheiro de (2011) – *A Reforma de Jaime Moniz (1894/95). Notas Dissonantes - Um estudo à luz do Jornal Educação Nacional* – Tese para obtenção do grau de Mestre em História e Educação. FLUP. Setembro 2011.

MONIZ, Gonçalo Canto (2007) – *Arquitectura e Instrução – O projecto moderno do liceu (1836-1936)*, Edições do Departamento de Arquitectura da FCTUC (Colecção Debaixo de Telha, Série B, n.º 8), Coimbra.

«OBRA N.º 3290 – Local: Rua Marquez de Subserra 10 a 10B tornej. Rua de Artilharia Um, 66 a 72.», Arquivo Municipal de Lisboa (Bairro da Liberdade).

PERDIGÃO, Maria José Araújo Lima (1998) – *O Arquitecto Miguel Ventura Terra: Vida e Obra* [Texto policopiado], Lisboa: [s.n.], 1988, 2v.; 30 cm, Tese mestrado em História da Arte, Fac. Ciências Sociais e Humanas da Univ. Nova de Lisboa, Documentação ilustrada em anexo.

RIBEIRO, Ana Isabel e SILVA, Raquel Henriques da (2006) – *Miguel Ventura Terra: Arquitectura enquanto Projecto de Vida / Architecture as a Lifeproject* [Catálogo de Exposição], Câmara Municipal de Esposende.

RIBEIRO, Ana Isabel, SILVA, Hélia, MÉGRE, Rita (2017) – *Ventura Terra, Arquiteto – Do útil e do bello*, Catálogo da Exposição integrada nas comemorações dos 150 anos do nascimento de Ventura Terra no Torreão Poente da Praça do Comércio – Lisboa, 13 de julho a 21 de outubro de 2017, Câmara Municipal de Lisboa.

SANTANA, Francisco (1994) - *Dicionário da História de Lisboa*, Lisboa: Gráfica Europam.

SILVA, Amaro Carvalho da (2003) – «Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho» in António Nóvoa e Teresa Santa-Clara (Coord.) – *"Liceus de Portugal" – Histórias, Arquivos, Memórias*, Porto: Edições Asa, pp. 484-505.

SILVA, Amaro Carvalho da e ABRAÇOS, Maria de Fátima (2010) – «Catálogo da colecção de plantas, alçados e cortes do edifício do Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho». (Trabalho fotocopiado existente na Biblioteca da ESMAVC).

SILVA, Amaro Carvalho da e ABRAÇOS, Maria de Fátima (2018) – «Para a História da Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho - Lisboa», texto para o "V Encontro de Memórias e História da Educação Profissional: Espaços, Objetos e Práticas" que decorreu no Centro de Capacitação do Centro Paula Souza na cidade de S. Paulo – Brasil nos dias 6 e 07-10-2016. (no prelo).

«Uma escriptora ilustre» in *Illustração Portuguesa* (edição semanal do jornal O Século), Lisboa, n.º 269, 17 de Abril de 1911, pp. 496-497.

VITERBO, Sousa – *Dicionário Histórico e Documental dos Arquitectos, Engenheiros e Construtores Portugueses*, Vol. III – S/Z, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda (Reprodução em fac-símile do exemplar de 1922), 1988 .

VV.AA. (Março 2009) – *Arquitecto Ventura Terra (1866-1919)*. Catálogo da exposição - Divisão de edições da Assembleia da República, Lisboa.

http://www.esmavc.org/images/documentos/patrimonio/da_arquitetura_do_edificio.pdf

http://www.caminha2000.com/jornal/n790/mvt.pdf

CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS

1 – Coleção particular dos herdeiros de Aleixo Terra da Motta. Fotografia de Fátima Abraços.

2 – Fonte consultada em janeiro de 2018:
http://lola-miguelventuraterra.blogspot.pt/2011/03/1910ventura-terra-republicano.html

3 – Fonte consultada em janeiro de 2018:
http://www.parlamento.pt/eventos/Paginas/2009_ArquitectoMiguelVenturaTerra.aspx

4 – Fonte consultada em janeiro de 2018:
http://www.caminha2000.com/jornal/n531/seixas.html

5 – Fonte consultada em janeiro de 2018:
http://observador.pt/2017/07/25/o-arquitecto-vereador-150-anos-de-ventura-terra/

6 – Do convite para a exposição «Ventura Terra – O Arquiteto em Setúbal», realizada entre 14 de Julho e 26 de Agosto de 2017, organizada pela Câmara Municipal de Setúbal na Galeria Municipal do Onze, em Setúbal.

7 – Arquivo Municipal de Lisboa, Coleção Joshua Benoliel (1873-1932): PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/JBN/02725.

9 – Arquivo Fotográfico Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho.

10 – Arquivo Municipal de Lisboa, Coleção Machado & Souza: PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/003/FAN/001713.

11 – Arquivo Municipal de Lisboa, Coleção Arnaldo Madureira (1940 - -): PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/ARM/l00346.

12 – Arquivo Municipal de Lisboa, Coleção Salvador de Almeida Fernandes: PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/SAL/000196.

14 – Arquivo Municipal de Lisboa, Coleção Eduardo Portugal (1900-1958): PT/AMLSB/POR/010950.

15 – Arquivo Municipal de Lisboa, Coleção Ferreira da Cunha (1901-1970): PT/AMLSB/EFC/000546.

16 – Fonte consultada em janeiro de 2018: http://expresso.sapo.pt/cultura/2015-10-03-Barros-Queiroz-foi-primeiro-ministro.-Mas-teve-de-comecar-a-trabalhar-aos-8-anos

17 – Fonte consultada em janeiro de 2018
https://hiveminer.com/Tags/hemerotecamunicipaldelisboa/Recent

18 – Arquivo Municipal de Lisboa, Coleção Manuel Barros Marques: PT/AMLSB/MBM/000015.

20, 21 e 22 – Arquivo Histórico da Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho.

8, 31, 32, 37, 44, 45 e 51 – Centro de Documentação e de Arquivo - Secretaria-Geral do Ministério da Educação – Av. 5 de Outubro, 107 – Lisboa.

24, 28 e 30 – Fotos do Eng.º Vaz da Silva por ocasião das obras de reparação da cobertura e fachadas (2006).

33, 38, 39, 40, 42, 46, 47, 48, 49, 50, 56, 57 e 58 – Fátima Abraços.

13, 19, 23, 25, 26, 27, 29, 34, 35, 36, 41, 43, 52, 53, 54, 55, 59 e 35 cianótipos – João Soares Santos.

ABREVIATURAS

AFESMAVC - Arquivo Fotográfico da Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho
AHESMAVC - Arquivo Histórico da Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho
CRE - Centro de Recursos Educativos da ESMAVC
DGPC - Direção Geral do Património Cultural
ESMAVC - Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho
PRAHESMAVC - Projeto de Recuperação do Arquivo Histórico da ESMAVC
SIPA - Sistema de Informação para o Património Arquitectónico
VT - Ventura Terra

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos os que colaboraram nesta iniciativa de recolha e arquivo deste espólio bem como à Diretora da escola e seus órgãos diretivos que acompanharam o Projeto Património e proporcionaram condições para hoje termos reunido e acondicionado este núcleo documental de Ventura Terra. Agradecemos ainda a revisão atenta de Ana Leal, arquiteta de formação.

FICHA TÉCNICA

Título:
O Projeto de Ventura Terra para o Primeiro Liceu Feminino Português: Catálogo dos Cianótipos.
Autores: Amaro Carvalho da Silva, Fátima Abraços.
Edição: Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho (ESMAVC).
Capa e Grafismo: João Soares Santos.
Impressão e acabamentos: MatrizRadical (Impressão e Soluções Digitais) – S. João da Talha.

Rua Rodrigo da Fonseca, n.º 115
1099-069 Lisboa

ISBN: 978-989-96615-1-6.
Depósito Legal:
1.ª edição: Fevereiro 2018.
Tiragem: 300.